

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
DISCIPLINA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

KELLY RIBEIRO DE FREITAS

SEXUALIDADE: conhecendo as percepções dos adolescentes

PORTO ALEGRE

2007

KELLY RIBEIRO DE FREITAS

SEXUALIDADE: conhecendo as percepções dos adolescentes

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Enfermagem da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof. Mestra Silvana Maria
Zarth Dias**

PORTO ALEGRE

2007

Dedico, do fundo do meu coração, esse trabalho aos adolescentes da escola

Por terem poucas pessoas solidárias ao seu lado disponíveis a acolhê-los, escutá-los, entendê-los e para responder as suas dúvidas e aliviar suas angústias.

Pelo fato de pertencerem a famílias carentes, vivendo em condições precárias de atender as necessidades básicas como: alimentação, vestuário, saúde e educação.

Por serem o futuro do Brasil e os governantes estarem muito relapsos com sua educação. Não permitindo que eles se tornem independentes através da construção da consciência crítica.

Por terem colaborado com o trabalho de forma sincera, com seriedade, comprometimento e inocência construindo um trabalho de forma verdadeira.

AGRADECIMENTOS

Quando agradecemos algo estamos demonstrando para o outro que o que ele fez foi importante e significativo. E, na maioria das vezes, são coisas simples feitas sem a mínima pretensão de honras ou méritos como: escutar, orientar, cuidar, acariciar, que feitas com carinho, sinceridade e amizade passam a ser dignas de um *Muito Obrigado*.

Então Muito Obrigado:

À minha família que foram, junto comigo, os principais autores e atores da minha vida. Compartilharam os momentos mais significativos e especiais tornando eles maravilhosos e inesquecíveis.

À Mst. Silvana Maria Zarth Dias, com agradecimento em especial, pois soube com sua sensibilidade, amizade e carinho tornar os momentos de orientação em lições de vida.

À Mst Adriana Fertig por sua disponibilidade, conhecimento, amizade, afeto e carinho que durante a faculdade me acolheu de braços abertos e me ajudou a entender e superar momentos difíceis que vivi.

À Dr. Simone Algeri que, com sua sensibilidade, reconheceu meu potencial e me incentivou a ir em frente neste trabalho. E mais que isso, conquistou minha admiração como profissional, e hoje com orgulho digo, quando CRESCER quero SER Simone Algeri.

À Dr. Maria da Graça Crosseti, pelo seu conhecimento e ajuda na construção deste trabalho. Por sinalizar apontamentos com sábias considerações.

À Mst. Maria Luiza Machado Ludwig, pela oportunidade de ter sido sua bolsista no Serviço de Enfermagem Médica (SEM) e ter surgido uma grande amizade que procurarei cuidar pelo resto da vida.

À Dr. Clarice Maria Dall'Agnol, por acreditar em mim e torcer pelo meu sucesso profissional. Pelas manhãs de organização da sala de Chefia do SEM e por valorizar e incentivar o meu jeito organizado de ser.

Às Enfa. Maria Cecília Lamberti Vicente e Enfa. Ivana Linhares Kern, por serem um exemplo de liderança de equipe. E por terem me acolhido de forma sincera e afetiva no meu primeiro estágio curricular, contribuindo de forma ímpar para minha formação como ser humano.

À Rita Maria Soares, minha mãezinha adotiva, que me acolheu de braços abertos, no meu segundo estágio curricular, participando da minha construção como enfermeira. Por sua competência e generosidade conquistou minha admiração e me fez gostar de enfermagem oncológica, nunca antes pensado por mim.

Com muito carinho às amigas do coração e da vida: Aline Modelski, Fernanda Niemeyer e Helen Mendonça, pelas festas, cervejadas, jantares, momentos de risadas e alegrias...Pelos momentos de choro, decepções, angústias, dúvidas... E por terem me ensinado o significado da verdadeira amizade.

E a Vinicius Viana que me ensinou o que é ser amada da forma mais simples possível e por sempre me colocar em primeiro lugar na sua vida.

RESUMO

O estudo qualitativo de natureza descritiva objetivou conhecer as percepções dos adolescentes sobre o desenvolvimento da sua sexualidade. Utilizou-se a abordagem do Método Criativo e Sensível (MCS) proposto por Cabral (1999) que apresenta uma alternativa para pesquisa em enfermagem através da dinâmica grupal de “oficinas de criatividade e sensibilidade”. Participaram do estudo 12 alunos que possuem entre 11 e 19 anos e que estão cursando a sexta série do ensino fundamental no município de Porto Alegre. Foram realizadas quatro oficinas de criatividade e sensibilidade para a coleta de informações. A análise das informações foi realizada respeitando as seguintes etapas do MCS: a codificação, a decodificação e a recodificação ou aliança de saberes, contextualizada na pedagogia crítico-reflexiva de Freire (1991) e de acordo com a metodologia proposta por Cabral (1999). Os princípios éticos foram respeitados, procurando proteger os direitos dos participantes da pesquisa. O estudo teve aprovação do Comitê de Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para seu desenvolvimento. Da análise emergiram três temas e seus respectivos subtemas. O tema: O ser adolescente: vivenciando conflitos e dificuldades, desvelou as percepções dos adolescentes sobre a conflitiva da adolescência com a formação da identidade da pessoa e todos os aspectos nela envolvidos. O tema: A sexualidade para o adolescente e seus subtemas: A construção de conceitos, Sexualidade e afetividade e Educação sexual, propiciou a desmistificação e o entendimento de comportamentos e atitudes da sexualidade através do debate grupal e da construção de conceitos. Ainda foi visto como está, atualmente, a participação da família na educação sexual. E o tema: O ato sexual e seus respectivos subtemas: A hora certa?, As formas de sexo e A prevenção foram desvelados o momento para se ter à primeira relação sexual e os fatores envolvidos para a tomada dessa decisão. Também foram discutidas nas oficinas as formas de sexo existentes: anal, oral e vaginal e os métodos contraceptivos. Portanto, o estudo foi considerado relevante por desvelar reais interesses dos adolescentes em relação a sua sexualidade durante as oficinas e porque o trabalho poderá contribuir para o estabelecimento de um novo ambiente no contexto da educação sexual e na saúde do escolar e do adolescente.

ABSTRACT

The qualitative study of descriptive nature have intended knowing the teenagers perceptions on the development of their sexuality. The approach used was the Creative and Sensitive Method (MCS) proposed by Cabral (1999) which presents an alternative to research in nursing through dynamic groups of "creativity and sensitivity workshops". 12 pupils between 11 and 19 years have participated of the study. They are taking the sixth series of fundamental teaching in Porto Alegre city. Four workshops were held for creativity and sensitivity to collect information. Analysis of the information was held with the following stages of MCS: encoding, decoding and recoding or alliance of knowledge, in the context of the Freire's critical-reflexive pedagogy (FREIRE, 1991) and in accordance with the methodology proposed by Cabral (1999). The ethical principles were respected seeking to protect the search participants' rights. The study have been approved by the Committee for Research of the Nursing School at the Federal University of Rio Grande do Sul and by the Ethics Committee of the Federal University of Rio Grande do Sul for its development. Three themes and their subthemes emerged from the analysis. The theme: The teenager: living conflicts and difficulties reveals the teenagers perceptions on the adolescence conflicting with their identity formation and all involved with it. The theme: Sexuality for teenagers and its subthemes: The construction of concepts, Sexuality and affectivity and Sex education provided the demystification and understanding of behavior and attitudes of sexuality through discussion groups and the construction of concepts. It was seen too, how is the family participation in sex education. And the theme: The sexual act and their respective subtheme: There is a time? The forms of sex and Prevention were revealed when to have the first sexual relationship and what leads to making this decision. Also were discussed in workshops existing contraceptives methods and forms of sex: anal, oral and vaginal. Therefore, the study was considered relevant by reveal during the workshops real interests of teenagers on their sexuality and because the work can help to establish a new environment in the context of sex education and health of the teenagers.

Descritores: Sexualidade do adolescente. Educação sexual. Saúde do escolar.

Oficinas. Sexualidade.

Limites: Humanos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ilustração da produção artística da primeira oficina	23
Figura 2 – Ilustração da produção artística da segunda oficina	24
Figura 3 – Ilustração da aliança de saberes	27
Figura 4 - Organograma representativo dos temas e subtemas desvelados nas oficinas	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 Objetivos	14
2.1 Objetivo geral	14
2.2 Objetivos específicos	14
3 REVISÃO DE LITERATURA	15
4 METODOLOGIA	19
4.1 Tipo de estudo	19
4.2 Campo de ação	20
4.3 População e Amostra	20
4.4 Coleta e produção das Informações	21
4.5 Análise das Informações	28
4.6 Aspectos éticos	29
5 CONHECENDO AS PERCEPÇÕES DOS ADOLESCENTES	31
5.1 O ser adolescente: vivenciando conflitos e dificuldades	33
5.2 A sexualidade para o adolescente	36
5.2.1 A construção de conceitos	36
5.2.2 Sexualidade e afetividade	37
5.2.3 Educação sexual	38
5.3 O ato sexual	39
5.3.1 A hora certa?	39
5.3.2 As formas de sexo	40
5.3.3 A prevenção	41
6 RESULTADOS	43
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A	50
APÊNDICE B	51
ANEXO A	52
ANEXO B	53
ANEXO C	54
ANEXO D	55

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade da criança e do adolescente¹ começou a me interessar no segundo grau, enquanto cursava magistério. Segundo Stuart e Laraia (2002), a sexualidade é o desejo pelo contato, calor, carinho ou amor. Isso inclui, olhar, beijar, autoprazer e a produção de orgasmo mútuo. A sexualidade faz parte da sensação total de si próprio por uma pessoa.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) sexualidade é amplamente definida como aspecto central de ser humano durante toda vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis sociais, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é percebida através dos pensamentos, das fantasias, dos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, e nos relacionamentos. A interação dos fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais influenciam nas práticas sexuais de cada grupo social.

Ao entrar no meio acadêmico tive a oportunidade de conhecer e obter informações sobre o tema e como a enfermagem poderia atuar nesse campo. Nesse contexto pude ampliar meus conhecimentos sobre a sexualidade da criança e do adolescente transcendendo o olhar pedagógico e psicológico que até então conhecia.

Durante o sétimo semestre do Curso de Graduação em Enfermagem me interessei pela Saúde Escolar nos estágios curriculares. Desenvolvi atividades em ambiente escolar nas disciplinas de Comunitária e Cuidado à criança. Tive a oportunidade de praticar a atividade didática do tipo oficina, com a temática “agressividade”, destinada a crianças de quinta série, em escola da rede pública do município de Cachoeirinha. Essa experiência me fez acreditar na ação do enfermeiro em educação e saúde e na importância dessa atuação.

No decorrer do estágio curricular, na disciplina de Cuidado à criança além das atividades exigidas pela disciplina, busquei definições e interesses advindos dos escolares. Constatei nas oficinas, nas consultas de enfermagem, observações e

¹ Adolescente compreende pessoas entre 10 e 19 anos, segundo OMS, 2002.

conversas informais, que a temática de maior interesse era a sexualidade, abrangendo desde a descoberta da sua própria sexualidade, o desenvolvimento do seu corpo, os relacionamentos até métodos contraceptivos, enfim, tudo que se refere à formação de identidade e conceituação do tema em questão.

Outro fato importante percebido refere-se à falta de experiência e resistência de alguns professores, pais ou responsáveis pela criança ou adolescente para conversar e explorar a temática. A resistência pode ser atribuída a questões educacionais, culturais, desconhecimento, insegurança, preconceitos, entre outras causas. Em minha trajetória acadêmica durante as observações realizadas nas escolas pude constatar que a educação sexual para adolescentes aborda sobre o desenvolvimento biológico do corpo humano, DSTs, AIDS e métodos contraceptivos de maneira tradicional, sem permitir que ocorra uma discussão crítica acerca do assunto, desconsiderando, em muitos momentos, o contexto social em que se encontra cada escolar.

Concordo com Cano (2000), quando diz que os adultos que cercam o adolescente, pais e educadores, têm dificuldade para abordar sexualidade no dia-a-dia, e com isso, não proporcionam aos jovens uma fonte segura, principalmente nos dias atuais, para esclarecer suas dúvidas.

A carência de profissionais preparados para trabalhar com o tema é significativa. Pode-se evidenciar esse fato pela escassez de referências bibliográficas que tratem da sexualidade de acordo com os interesses dos adolescentes. Constatada essa lacuna, me propus a buscar uma forma alternativa de trabalhar com a temática, pressupondo que esse projeto poderá resultar em novas metodologias de ensino, e assim, melhor subsidiar a atuação do enfermeiro na educação em saúde junto à sexualidade do adolescente.

Concordo que “o preparo para tratar das questões afetas à sexualidade tem pouco haver com a formação acadêmica do educador e muito haver com a sua postura frente à vida e à sexualidade.” (OLIVEIRA, 2006, p. 101). Portanto, penso que o local para realizar a sistematização desse aprendizado deve ser a escola por ter um papel fundamental na educação da criança e do adolescente, sendo o espaço mais oportuno para o desenvolvimento desse aprendizado realizado por profissionais preparados. A escola deve transcender a promoção da saúde e se tornar um espaço de discussão voltado para as dificuldades reais apresentadas pelos escolares, em seu contexto de vida.

A enfermagem pode buscar mais espaço para desenvolver o trabalho de educação em saúde devendo ampliar sua atuação nas escolas. Para isso é necessário desenvolver e buscar técnicas de abordagem adequadas que estimulem o interesse dos escolares, em específico o interesse dos adolescentes. Neste momento, torna-se importante escutar e construir junto com os escolares um momento de discussão.

Dentre vários temas que são abordados quando se trata da sexualidade dos adolescentes, é importante destacar a gravidez na adolescência, vista como um grave problema social no Brasil, em especial nas camadas populares. Em nosso estado, de acordo com Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2007), o número de casos de gravidez na adolescência ainda é elevado. Em 2000, os partos em mulheres com menos de 19 anos atingiram 20,3% do total, um terço das mulheres que buscaram atendimento hospitalar por complicações de abortos foram adolescentes, o que aumenta o risco de mortalidade materna nesta faixa etária.

Conforme HOCKENBERRY (2006, p. 503.) “as taxas de atividade sexual têm diminuído para adolescentes mais velhos e aumentou a porcentagem de adolescentes com menos de 15 anos que se envolvem em atividade sexual”.

Estudar sobre as percepções dos adolescentes referentes à sexualidade proporciona uma construção em parceria com os próprios adolescentes de conceitos, reflexões sobre suas reais dúvidas e alternativas educacionais para abordar temáticas que, a princípio, são difíceis de serem trabalhadas com tranquilidade e domínio pelos professores.

2 OBJETIVOS

Estabelecemos como objetivos deste estudo:

2.1 Objetivo Geral

- Conhecer as percepções dos adolescentes sobre o desenvolvimento da sua sexualidade.

2.2 Objetivos específicos

- Proporcionar um espaço aberto de discussão sobre sexualidade com o adolescente.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Encontrar conceitos de sexualidade foi tarefa difícil. Vários autores em seus textos descrevem características, atividades sexuais e comportamento sexual, sem conceituar sexualidade. Na introdução utilizei dois conceitos. O conceito de Stuart e Laraira que situa o tema de forma sucinta e objetiva não esquecendo da importância do auto conhecimento corporal e da masturbação. A OMS aborda o tema de forma mais ampla, contextualizando culturalmente e socialmente a sexualidade.

Segundo Oliveira (2006) a sexualidade é entendida como ações que resultam em prazer, não necessariamente no aparelho genital, como muitas vezes é considerado pelo senso comum.

Maheirie (2005) diz que a sexualidade é um fenômeno da existência humana, portanto, faz parte também da vida de adolescentes. É objeto de estudo e intervenção das políticas públicas devido ao aumento dos índices de gravidez e incidência de Aids entre os jovens. Caridade (1999) complementa colocando que a compreensão da sexualidade vivida pelos adolescentes depende da cultura que o homem está inserido.

Entretanto, ao falar em sexualidade tenho a obrigação de buscar definições na psicanálise, mais precisamente ter como referência a pessoa que revolucionou termos e conceitos que perpetuam até hoje, Sigmund Freud.

“...uma das mais importantes e a mais revolucionária descoberta de FREUD foi a existência da sexualidade infantil...FREUD chegou à concepção de uma evolução psicosexual a se processar desde o nascimento...”(OSÓRIO, 1981, p.14)

Freud refere que os seres humanos têm o instinto sexual assim como o instinto de nutrição. Para designar o segundo instinto o vocabulário mais utilizado é fome e para o primeiro utilizamos libido. A libido está presente no ser humano desde a infância. Essa busca de prazer pode ser exemplificada pelos lábios da criança comportando-se como zona erógena causando sensação de prazer durante a sucção do seio materno. Nesse caso a satisfação do prazer está associada à satisfação do desejo de nutrição. Assim, “a atividade sexual se liga a funções que atendem à finalidade de autopreservação e não se torna independente delas senão mais tarde” (FREUD, 1973, p. 186).

O momento da vida humana no qual acontecem mudanças da vida sexual infantil para sua forma final normal e adulta é a puberdade. Nesse período ocorre a mudança do instinto sexual, que na infância auto-erótico e agora passa a buscar o objeto sexual².

Freud (1973) relata que aparece novo objetivo sexual e que os instintos ficam dependentes de atingirem o prazer pela zona genital. O instinto sexual fica subordinado a função reprodutora, assim esse novo objetivo sexual atribui diferentes funções aos dois sexos. Nos homens é direto e compreensível e nas mulheres entra numa espécie de involução. Assim, vida sexual normal está assegurada pela convergência da corrente afetiva e corrente sensual, ambas dirigidas para o objeto e objetivo sexual.

Na puberdade o crescimento e desenvolvimento dos órgãos sexuais externos e internos são elementos responsáveis pelas mudanças de comportamento do ser humano. Freud (1973, p. 214.), "... desenvolvimento dos órgãos genitais internos avançou bastante para que eles possam descarregar os produtos sexuais, ou conforme o caso, provocar a formação de um novo organismo...". E complementa "...diversas alterações dos órgãos genitais, os quais têm o sentido óbvio de preparações para o ato sexual - ereção do órgão masculino e a lubrificação da vagina." (FREUD, 1972, p. 214.)

Para Hockenberry (2006), o comportamento sexual dos adolescentes tem características específicas em três etapas distintas: 1ª etapa (11-14 anos) é caracterizada pelos seguintes comportamentos: auto-exploração e avaliação. Encontros limitados, geralmente em grupos e intimidade limitada. 2ª etapa (15-17 anos): múltiplos relacionamentos plurais. Identificação interna de atrações, heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Explorações dos "encontros pessoais" sensação de "estar apaixonado" e tentativa de estabelecimento de relacionamentos. 3ª etapa (18-20 anos) tem como características formar relacionamentos estáveis e fixação a um outro, capacidade cada vez maior para mutualismo e reciprocidade. Encontros românticos, o adolescente pode identificar-se publicamente com gay, lésbica ou bissexual. Intimidade envolve compromisso e não exploração ou romantismo.

² Pessoa de quem procede a atração sexual. (FREUD, 1972, p. 136.)

Essas mudanças de comportamento, descritas por Freud e Hockenberry, têm relação com a colocação de Louro (2006) quando diz que as identidades sexuais também se produzem socialmente, através das distintas formas de experimentar prazeres e desejos corporais, de pôr em ação a sexualidade.

Ao buscar definições para adolescência ou adolescentes foram selecionados os seguintes conceitos entre tantos que encontrei.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência significa fase do desenvolvimento humano compreendida entre 10 e 19 anos, critério adotado no Brasil pelo Ministério da Saúde (MS) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Porém, essa definição não leva em consideração outros aspectos importantes do desenvolvimento humano, além da idade biológica.

Seixas (1999) diz que adolescência é um período marcado por transformações corporal-biológicas e psicossociais que possibilitam o desenvolvimento do pensamento abstrato, maior controle motor e aquisição da genitalidade, acontecimentos que fazem com que o jovem se relacione consigo mesmo e com o mundo.

Nesta evolução, a família tem papel primordial, ela deve acompanhar o desenvolvimento do adolescente e oferecer limites, afeto, carinho, cultura e estimular que o adolescente se torne independente e construa sua identidade adulta.

A família como espaço para adolecer é fundamental na definição das experiências de crescimento, desenvolvimento e construção da identidade adolescente e deve ser visualizada como processo dinâmico em que histórias de vida e projetos individuais interagem num complexo de relações plurais e não excludentes (RAMOS, 2001).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, no capítulo III – artigo 19 considera que:

“...toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente tem família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.” (BRASIL, 1990, p. 16)

Segundo Zagury (2004) é importante que os pais não deleguem para outras pessoas a tarefa de falar com os filhos sobre sexo, e ressalta que é fundamental saber qual a forma mais adequada para abordar o assunto, especialmente com adolescentes. Mas a realidade dos adolescentes é diferente, eles buscam informações com seus amigos, colegas, e especialmente com seus professores,

muitas vezes por esses não julgarem seus questionamentos. Hockenberry (2006) coloca que grande parte dos conhecimentos dos adolescentes sobre sexo é adquirida de seus pares, da televisão, de filmes e de revistas. Muitas informações obtidas com seus pais são imprecisas. E complementa, “muitos adolescentes se sentem pouco à vontade por trazer questões de saúde sexual ao profissional de saúde.” (HOCKENBERRY, p. 503. 2006)

Para Freire (1991, p. 93) “a educação teria de ser acima de tudo, uma tentativa de mudança de atitude”. E junto com a família e a escola está inserido nesse contexto, o da educação. Sato (2000, p. 3) refere que “se a meta é informar ou melhor formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência por estar nessa função precípua”. Complementa que “os horizontes da escola devem se ampliar cada vez mais, abrangendo os conhecimentos sempre mais relevantes sobre a adolescência”.

Para esses dois autores a prática pedagógica de oficinas é a forma mais eficiente de educação, construção do conhecimento e pensamento crítico para mudança de comportamento. As oficinas são espaços abertos de discussão e trocas de experiências que ajudam no aprendizado, crescimento e amadurecimento de todos os sujeitos participantes, no caso os alunos e o enfermeiro mediador. A exposição de idéias, conceitos, experiências, para ambos, sem medo de qualquer julgamento, possibilitam e facilitam a transformação e aprimoramento de conceitos pré-concebidos, através da reflexão sobre o tema em discussão, socialização de experiências e troca de saberes.

Por essas razões, o desafio dessas oficinas, entre outros, é desmistificar a diferença entre desenvolvimento da sexualidade e o ato sexual para os participantes. O profissional de saúde deve entender que a sexualidade faz parte do processo de desenvolvimento da personalidade agregada à construção da identidade social e de gênero.

Para Paulo Freire (2005), o trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação.

4 METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho será apresentada abaixo.

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo qualitativo que de acordo com Minayo (2006) se aplica ao estudo das relações, percepções e das opiniões, produto das interpretações do modo de vida, do que se sente e pensa. Descreve, compreende e explica a questão de investigação aprofundando-se no mundo dos significados, crenças e valores dos sujeitos.

Utilizou-se a abordagem do Método Criativo e Sensível (MCS) proposto por Cabral (1999) que representa alternativa para pesquisa em enfermagem, através da dinâmica grupal de “oficinas de criatividade e sensibilidade” com produções artísticas e discussão grupal mediada pela pedagogia do método de ensino crítico-reflexivo de Paulo Freire para auxiliar na construção dos dados. Portanto, a criação de espaço para diálogo livre, aberto e com respeito para os adolescentes possibilitará a construção, a reconstrução e a assimilação de novos conhecimentos.

A elaboração de cada oficina e a análise de informações foi realizada de acordo com o MCS proposto por Cabral (1999); assim, elas aconteceram nas seguintes etapas: a *codificação* que é a elaboração das produções artísticas, a *decodificação* que é a etapa do diálogo grupal que inclui análise crítica e coletiva das produções artísticas e das idéias surgidas no grupo e é onde se estabelece a discussão no grupo e a troca de vivências entre os participantes das oficinas. Essas duas etapas servirão como base para analisar as situações problemas que surgirem do universo cultural dos adolescentes. A partir das situações problemas representadas nas produções artísticas, foram retirados os temas geradores que serão debatidos e *recodificados* sob forma de *aliança de saberes*. Essa recodificação ou aliança de saberes é o momento da aproximação e convergência de idéias, ocorrendo assim, a síntese de cada tema discutido em cada oficina.

Portanto, a criação de espaço para diálogo livre, aberto e com respeito para os adolescentes possibilitará a construção, a reconstrução e a assimilação de novos conhecimentos.

4.2 Campo de ação

O estudo foi realizado em uma escola de ensino fundamental localizada no município de Porto Alegre, integrante da rede de escolas estaduais do estado do Rio Grande do Sul.

4.3 População e Amostra

Participaram do estudo 12 alunos que estão cursando a sexta série do ensino fundamental, por este ser o número que se tem amostrado nas pesquisas qualitativas do Programa de Pós Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram escolhidos intencionalmente adolescentes, com idade entre 11 e 19 anos, previamente autorizados pelos responsáveis e que aceitaram participar do estudo.

“Problemas de pesquisa que contenham questões socializáveis e que merecem um aprofundamento no plano coletivo, quando trabalhados em grupos formados intencionalmente, colocam em evidência as opiniões, relevâncias e valores dos sujeitos da pesquisa...” (Cabral, p.185,1998)

O adolescente que não participou da primeira oficina foi o critério de exclusão estabelecido e respeitado pela autora.

Não foi necessário realizar sorteio para formar o grupo de adolescentes, uma vez que o número de adolescentes autorizados pelos responsáveis a participar das oficinas de criatividade e sensibilidade, não excedeu a 12 participantes.

Os participantes e seus responsáveis foram orientados quanto à finalidade da pesquisa, bem como da metodologia a ser utilizada no estudo.

4.4 Coleta e produção das Informações

A coleta das informações foi feita através de oficinas de criatividade e sensibilidade que contou com a participação espontânea de cada integrante do grupo onde foram respeitadas as etapas de codificação, decodificação e recodificação ou aliança de saberes propostas por Cabral (1999).

As oficinas foram gravadas e foram feitas anotações de campo em Folha de Registro das Observações (Apêndice A), comentários, reações e impressões do pesquisador. A observação participante foi registrada imediatamente após o término de cada oficina em diário de campo. As informações registradas auxiliaram nas oficinas subseqüentes e posterior análise das mesmas. Os materiais produzidos, as observações e os diálogos grupais decorrentes das oficinas compõem os relatórios que foram fontes primárias de informações.

As produções artísticas e as discussões grupais, mediadas pela pedagogia do método de ensino crítico-reflexivo de Freire, auxiliaram na coleta de informações e na construção coletiva e interativa do conhecimento.

O MCS conjuga métodos consolidados como: entrevista coletiva semiestruturada, discurso de grupo e observação participante, prevalecendo a dialogicidade intragrupal e contradições resultantes desse processo.

A adoção de dinâmicas de criatividade e sensibilidade como recurso de produção de informações e construção do conhecimento oportuniza aos sujeitos da pesquisa expressar sua opinião livremente.

Assim, os integrantes desse grupo coletivizam suas produções artísticas e constroem significados a partir da questão norteadora gerando temas a serem debatidos no processo coletivo. O pesquisador como mediador das oficinas de criatividade e sensibilidade participa de forma dinâmica oportunizando a integração e confiabilidade plena entre os participantes das oficinas.

A coleta de informações deu-se durante as oficinas. Estas foram gravadas com autorização previa do grupo. O término da coleta de informação foi definido pelo fechamento das oficinas propostas. Foram realizados dois encontros e quatro oficinas de criatividade e sensibilidade organizadas da seguinte forma:

1º encontro: Reunião com a direção da escola para apresentação do projeto. Nessa reunião, apresentamos o projeto, seus objetivos e explicamos a metodologia

de pesquisa que escolhemos para trabalhar por estar fundamentada pedagogia do método de ensino crítico-reflexivo de Paulo Freire. As diretoras responsabilizaram-se em conversar com os professores e explicar o trabalho a ser desenvolvido e ver o melhor horário para o desenvolvimento do trabalho.

2º encontro: Reunião com os pais dos alunos, que freqüentam a série citada acima, onde apresentamos o projeto e solicitamos por escrito a autorização da participação de seu filho no projeto.

Na 1ª oficina, os participantes, autorizados pelos pais, foram chamados em sua sala de aula e conduzidos à sala de vídeo, cedida gentilmente pela direção da escola para realização desse trabalho.

Ao chegar na sala, os adolescentes observaram que as cadeiras estavam organizadas em círculo e foram acomodando-se. Com isso, pude perceber os grupos de amizades formados entre eles. Os adolescentes estavam ansiosos, havia conversas paralelas e tiveram dificuldade de fazer silêncio para iniciarmos a oficina.

Iniciou-se a apresentação da proposta de pesquisa, enfatizando-se o objetivo, o método criativo-sensível com suas etapas e o seu desenvolvimento.

Para atividade de acolhimento, iniciamos com a apresentação verbal, no qual cada um deveria dizer somente seu nome e idade, respeitando a sugestão do grupo.

Após, foram construídas as regras de convivência, devido à preocupação dos participantes, principalmente das meninas, com os comentários e fofocas que poderiam nascer das confidências expostas durante as oficinas.

As regras de convivência estabelecidas foram:

- a) Encontros com duração de 1 hora aproximadamente.
- b) Respeito à opinião de cada um dos participantes do grupo.
- c) Espera pelo momento adequado para falar e levantar o dedo quando quiser expor sua opinião.
- d) Aviso ao mediador quando precisar sair da sala.
- e) Falar alto e claro para o gravador captar e todos entenderem o que foi dito.

Para atividade de *codificação*, foi escolhida uma atividade de desenho, tendo em vista que todos no grupo já se conheciam. Foi proposto que cada participante elaborasse um desenho a partir da frase “Como eu me vejo hoje”. Devido ao fato de muitos participantes demonstrarem dúvidas com relação ao que fora solicitado, foi

explicado que deveriam representar no papel a forma como eles se sentem como adolescentes e como eles pensam que estão hoje.

Figura 1:



Ilustração da produção artística da primeira oficina

Após algumas tentativas do grupo com relação à atividade alguns participantes questionaram a mediadora sobre a dificuldade que estavam encontrando em representar apenas por desenho a tarefa solicitada. Então ficou combinado que os participantes poderiam se expressar por desenho e por escrito.

No momento seguinte demos início a etapa de *decodificação* onde os alunos relataram o que desenharam de forma aleatória, respeitando a vontade de cada um de expressar-se, lembrando apenas, que todos deveriam dizer ao grupo como se sentiam.

Observou-se no início dessa etapa, dificuldade dos participantes em expor sua opinião, embora estivessem com vontade de falar. Nos discursos os adolescentes referem timidez, vergonha, falta de coragem e medo de fofoca na escola. Todas essas dificuldades foram manejadas adequadamente pela mediadora.

Como síntese da discussão do dia, chamou-se atenção para a ênfase dada aos defeitos, as dúvidas, as conquistas, a formação de identidade, a imagem

corporal e o homossexualismo que prenunciam aspectos importantes da sexualidade do adolescente.

Na 2ª oficina, os adolescentes eram esperados, como em todos os encontros, na sala com as cadeiras organizadas em círculo e com o número exato de cadeiras correspondente ao número de componentes do grupo.

No primeiro momento os adolescentes foram convidados a elaborar uma produção artística em resposta à questão norteadora da oficina: *o que significa sexualidade para mim?* Foi ressaltado que eles deveriam representar o que eles entendiam ou como eles viam a sua sexualidade. Os alunos procuraram em revistas gravuras, figuras, frases que representassem as suas percepções sobre sexualidade e após recortaram e colaram em folhas tamanho A4 suas representações. Após 20 minutos, deu-se início o diálogo sobre a produção artística. Percebeu-se mais simpatia do grupo em relação e essa técnica proposta, talvez pelo grupo estar mais desinibido em relação ao mediador ou pela facilidade de não falar de si mesmo de forma tão direta como na primeira oficina.

Figura 2:

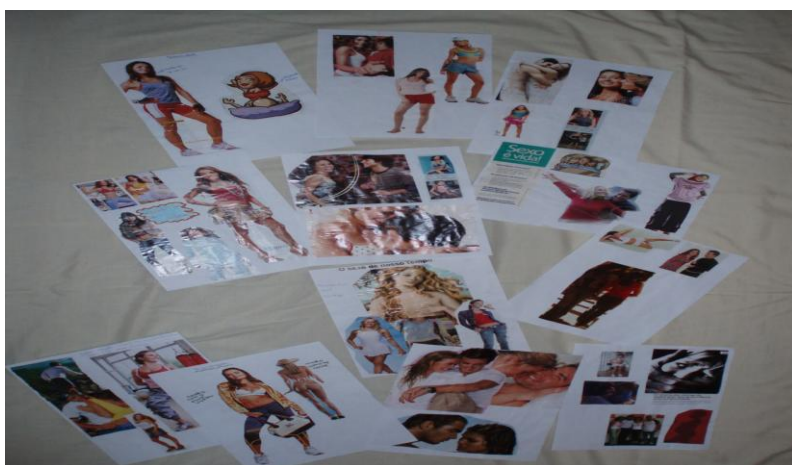


Ilustração da produção artística da segunda oficina

Durante as discussões da 2ª oficina, os adolescentes estavam mais falantes e colaborativos, emergindo muitos conceitos e conflitos de opiniões, oportunizando um debate rico com informações diversificadas.

Na síntese da oficina, foram enfatizadas as colocações sobre afeto e sexualidade, diferença entre sexo e sexualidade, importância de sentimentos entre duas pessoas, e a questão do homossexualismo. No encerramento a pesquisadora elogiou a participação ativa do grupo ressaltando que todas as opiniões foram importantes.

Na 3ª oficina, o acolhimento transcorreu de forma semelhante aos encontros anteriores. Para etapa da codificação foi escolhida pelo grupo a dinâmica do “Saco Surpresa”. Nessa oficina os participantes escreveram em pedaços de papel perguntas e dúvidas sobre sexualidade e colocaram no “Saco Surpresa”. A questão norteadora foi: *minhas dúvidas sobre sexualidade*. Do “Saco Surpresa”, as perguntas foram sorteadas, lidas pela mediadora e anotadas no quadro-verde por um participante. Após a leitura de todas as perguntas, os adolescentes organizados em pequenos grupos procuraram as respostas em livros e revistas, alguns levados pela mediadora e outros retirados na biblioteca da escola.

Os adolescentes declararam nas oficinas anteriores que não conversavam com os pais sobre sexualidade e que para responder suas dúvidas procuravam os amigos, então a dinâmica foi feita dessa forma para motivar os adolescentes a buscarem uma maneira segura para responder suas dúvidas e aliviarem suas angústias.

As perguntas elaboradas pelos adolescentes foram:

- 1- O que é namoro?
- 2- Quando se está ficando com uma pessoa a mais de 3 meses é namoro?
- 3- O que é sexo oral?
- 4- Pode ficar grávida na primeira vez?
- 5- Como é a camisinha feminina?
- 6- Se a menina não menstruar até os 13 anos de idade ela pode ter alguma relação sexual?
- 7- A partir de quantos anos as pessoas podem engravidar?
- 8- Porque não pode fazer sexo quando se está menstruada?
- 9- Que tipo de doença tem através do beijo?

- 10- Como se pega doença através do beijo?
- 11- A gente engravida fazendo sexo anal?
- 12 A gosma do homem pode engravidar?
- 13- Que idade a mulher começa gerar?
- 14- Se o homem e a mulher usarem camisinha é mais seguro?
- 15- Como se usa camisinha feminina?
- 16- A doença pega mais nos homens ou nas mulheres?
- 17- Como a pessoa age fazendo sexo pela 1º vez?
- 18- Como um adolescente se sente entrando na adolescência?
- 19- Namoro é fazer sexo?
- 20- Como se pega doença através do beijo?

Na etapa da decodificação, os participantes organizados em grupo de 3 a 4 integrantes procuraram as respostas nos materiais disponibilizados ao grupo, durante 20 minutos.

Ao término do tempo, os participantes se organizaram em círculo para darmos o início à discussão grupal, com as respostas encontradas nos livros e revistas. Torna-se importante dizer que algumas respostas não foram encontradas no material fornecido, portanto, a mediadora respondeu essas questões de acordo com o seu conhecimento.

Na síntese, chamou-se atenção para ênfase dada aos tipos de sexo, a iniciação sexual, a preocupação com a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e o momento certo para fazer sexo.

A 4ª oficina destinou-se à revalidação da análise dos dados, quando foi apresentada para os adolescentes a síntese das alianças de saberes de cada oficina realizada.

Como essa oficina foi realizada um dia após meu aniversário, os adolescentes prepararam uma Festa Surpresa para me esperar. Estávamos em um ambiente descontraído, acolhedor e principalmente, todos integrados e satisfeitos com o trabalho que estávamos desenvolvendo em grupo.

Antes de iniciar a apresentação das oficinas, foi combinado com os participantes que eles poderiam e deveriam se manifestar concordando, discordando, analisando, elucidando a aliança de saberes de cada tema. No decorrer da exposição houve intervenções que ilustraram, esclareceram e complementaram as condições apresentadas.

Para uma melhor visualização das alianças de saberes realizadas durante as oficinas, uma síntese delas foram transcritas pela mediadora em *Flip Shape*. Inicialmente foi lembrado o propósito e o objetivo da pesquisa, as questões que nortearam as oficinas de arte e criatividade, bem como, as etapas do desenvolvimento do método criativo sensível.

Após o término da apresentação de cada uma das oficinas, lembrando que a pesquisadora é mediadora e co-participe deste processo, o grupo dialogou acerca dos temas e subtemas, sendo questionado, pela mediadora se a aliança de saberes explicitada foi capaz de interpretar e traduzir a análise construída coletivamente, conforme preconiza a metodologia adotada para o estudo. Então, os participantes reforçaram afirmações, completaram entendimentos e foram unânimes em confirmar os apontamentos da mediadora, ratificando-se de modo a revalidá-los.

O passo seguinte foi à construção da Árvore de Saberes. A produção artística desse dia foi realizada a partir de uma grande árvore desenhada em papel pardo, por alguns participantes. Em pequenas tiras de papel em branco, cada adolescente deveria escrever, de acordo com as alianças de saberes e análise das informações, o que lhe fora representativo. Após deveriam ser coladas na árvore no local que desejassem.

Figura 3

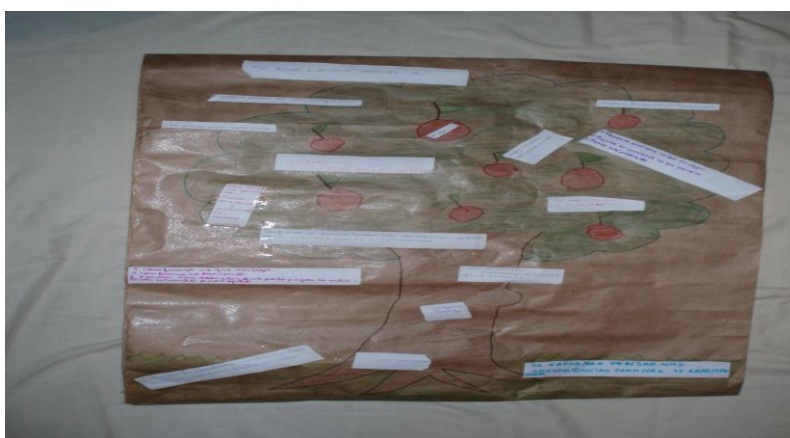


Ilustração da aliança de saberes

Na seqüência os adolescentes avaliaram os encontros como produtivos e válidos. Ressaltaram que os diálogos oportunizaram a eles falarem, uma vez que as oficinas deram voz às angústias e dúvidas dos adolescentes sem para isso fazer pré-julgamentos. Esse espaço pôde ampliar a consciência do seu ser adolescente e de sua sexualidade e de como lidar de maneira saudável com ela, respeitando as etapas do desenvolvimento humano. Nesse contexto, a mediadora foi surpreendida com duas cartas entregues pelos participantes (Anexo A e Anexo B), que validam a escolha do método.

Ao término da atividade, a mediadora agradeceu novamente a participação ativa de todos na construção do estudo e em seguida agradeceu a Festa Surpresa preparada para ela. A despedida foi com um forte abraço em todos.

4.5 Análise das Informações

Para melhor contemplar os objetivos desse estudo, a análise das informações foi realizada respeitando as seguintes etapas do MCS: a codificação, a decodificação e a recodificação ou aliança de saberes, contextualizada na pedagogia crítico-reflexiva de Freire (1987), de acordo com a metodologia proposta por Cabral (1999), cujas fases são:

- a) primeira fase: trata-se do planejamento da pesquisa, no qual foi realizada a revisão de literatura, análise crítica e priorização dos problemas a cerca da sexualidade do adolescente e do processo educativo relacionado à temática nas escolas, estabelecendo os objetivos a serem trabalhados.
- b) segunda fase: tendo como base os objetivos propostos foram selecionados os tópicos centrais do estudo, que foram trabalhados a partir das questões norteadoras e representados na forma de produção artística, conforme descrito na metodologia.
- c) terceira fase: nessa fase, denominada de codificação, elaborou-se as produções artísticas que desvelaram os temas, por meio das falas dos adolescentes sobre suas produções.

d) quarta-fase: partindo dos discursos individuais, iniciou-se o debate grupal. Assim, através do diálogo, os assuntos comuns foram sendo ordenados e agrupados, explicitando os temas da etapa anterior, por meio do estabelecimento de subtemas. Essa fase se chama de decodificação.

e) quinta-fase: houve a exposição aos participantes dos temas e subtemas construídos nas oficinas, retificando as informações coletadas.

f) sexta-fase: foi construída a Árvore de Saberes que representa as considerações do grupo construídas durante as oficinas. Nessa fase, utilizou-se a negociação e a troca de saberes, na busca da convergência de idéias, compreensão de novos conhecimentos e validação das informações, estruturando a aliança de saberes.

Portanto, como pode ser inferido o MCS pressupõe a análise e validação das informações coletadas durante sua aplicação. Para Cabral (1999) a vinculação da análise das informações e as etapas de desenvolvimento das oficinas denotam um imbricamento da pesquisadora com os participantes da pesquisa. Complementa que cada etapa da produção de informações precisa ser analisada e validada junto aos sujeitos e retroalimentada, de acordo com os pressupostos da pesquisa qualitativa.

4.6 Aspectos Éticos

Os princípios éticos foram respeitados, procurando proteger os direitos dos participantes da pesquisa. Esses receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), que esclarece os objetivos e procedimentos do estudo. Os responsáveis receberam e assinaram em duas vias, ficando uma cópia com o pesquisador e outra com o participante. O estudo teve aprovação do Comitê de Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade do Rio Grande do Sul (Anexo B) e Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Anexo C), para seu desenvolvimento, conforme resolução 198/96 do Conselho Nacional de Saúde.

As oficinas de criatividade e sensibilidade foram gravadas em fita cassete e depois foram transcritas pela pesquisadora. Estas permanecerão sob a guarda da pesquisadora durante cinco anos. Após, esse período, serão desgravadas de acordo

com as recomendações da Lei de Direitos Autorais, número 9610/98 (SILVEIRA, 1998).

O destino das produções artísticas foi decidido pelo grupo, que optou por manter as produções sob guarda da pesquisadora para ter como recordação dos participantes.

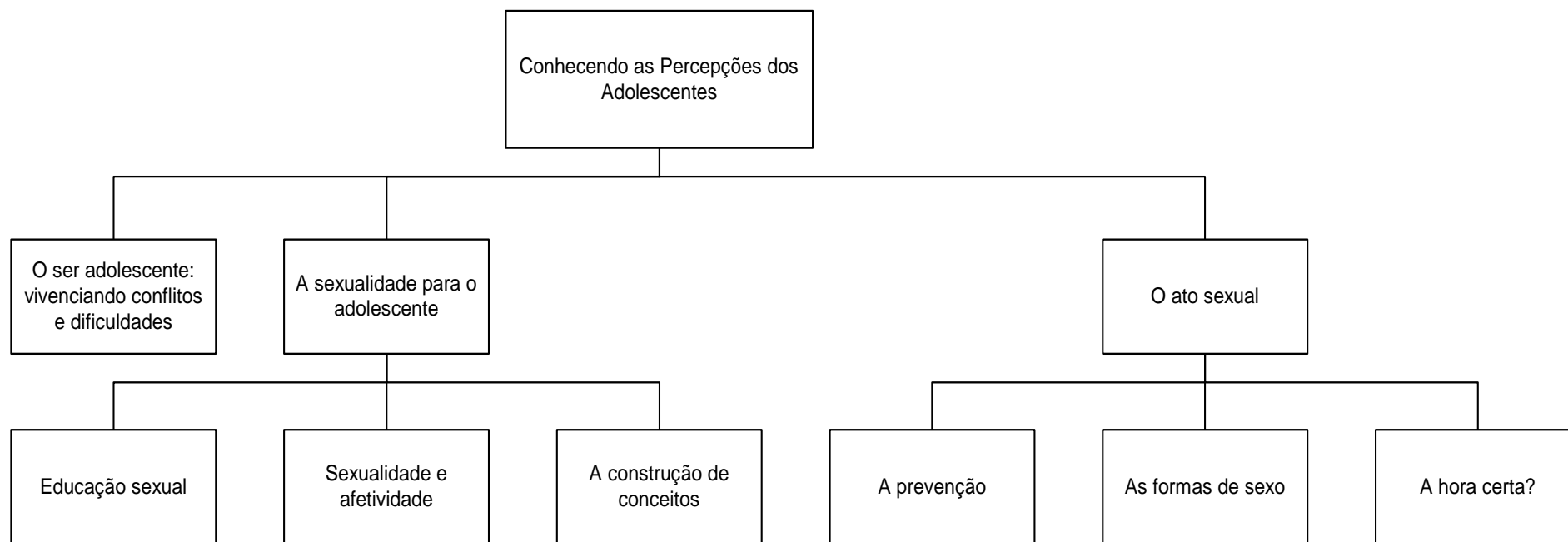
Para identificação das falas, foi realizado um sorteio no qual cada aluno foi identificado por números de um a doze sendo que, para preservar o sigilo dos participantes, estes números não possuem correspondência com os números que identificam cada aluno durante a pesquisa.

5 CONHECENDO AS PERCEPÇÕES DOS ADOLESCENTES

Neste capítulo desvelam-se as nuances da sexualidade sob o olhar dos adolescentes. No caminho em busca de respostas aos objetivos deste trabalho, depara-se com a diversidade do ser humano em meio às oficinas de criatividade e sensibilidade pelas discussões dos participantes e as produções artísticas.

Os três temas e seus respectivos subtemas serão apresentados na figura a seguir que representa e elucida os achados da pesquisa:

Figura 4



Organograma representativo dos temas e subtemas desvelados nas oficinas.

5.1 O ser adolescente: vivenciando conflitos e dificuldades

“Nas últimas décadas a adolescência vem sendo considerada o momento crucial na vida do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias mas com uma psicologia e até mesmo uma sociologia peculiar. Não é sem razão que se afirma que todas as grandes mudanças culturais da história da humanidade ocorreram no limiar entre a adolescência e idade adulta.” (OSÓRIO, 1981, p. 49)

O tema, o ser adolescente, desvela concepções, reflexões e preocupações dos adolescentes sobre a sua formação de identidade que surgiram das discussões de grupo propiciadas nas oficinas de criatividade e sensibilidade.

Na realidade, as oficinas revelaram a necessidade dos participantes de refletir acerca de como é ser e se sentir adolescente, pois se trata de um momento de introspecção e autoconhecimento que envolve valores morais, pessoais e culturais de cada indivíduo.

A adolescência é marcada por mudanças bio-psico-sociais. É uma etapa de amadurecimento psicológico e social que acompanha ou se inicia com a puberdade (OSÓRIO, 1981).

Aberastury (1996) considera o período da adolescência marcado por lutos ou perdas destacando: o luto pela perda do corpo infantil, colocando que, crescer significa abrir mão da fantasia onipotente da bissexualidade (a mulher deve abandonar de sua onipotência materna e aceitar a necessidade do par masculino, para engravidar e o homem deve aceitar a impossibilidade de gerar filhos em seu interior); o luto pela perda dos pais infantis e o luto pela perda da identidade infantil.

Nesse contexto, percebe-se esse momento de transição marcado pelas conquistas que acontecem na adolescência. Este fato destacou-se nas discussões em grupo.

“Posso fazer várias coisas, posso sair...é que antigamente não podia sair, tinha horário para chegar em casa. Se eu tinha que entrar às vezes 19:30, 20h, ficava falando com as gurias, estava sempre na rua conversando com elas e ai chegava a hora de entrar para casa. Agora não, posso chegar até bem mais tarde”. (Aluno 4)

O período de transição entre a fase infantil e adulta do ser humano, faz com que o adolescente se depare com a perda da onipotência infantil tornando-se um ser autocrítico na descoberta de seus defeitos. Entretanto, torna-se relevante apontar os rótulos que a sociedade atribui aos adolescentes como incapazes de pensar, de cuidar de si mesmo, de criar e atuar como sujeitos construtores de sua história

(BRASIL,2007). Frente a isto muitos deles percebem-se, primeiramente, como sujeitos com defeitos.

“Sou adolescente tenho vários defeitos. Primeiro não tenho nenhum pouquinho de humildade...cheia de defeitos...” (Aluno 1)

“...sou um adolescente de 15 anos sou muito simpático e feliz às vezes sou um pouco chato, tenho vários defeitos, sou um pouco tímido e não gosto de mentiras.” (Aluno 3)

A adolescência é a fase das contradições: o melhor e o pior; a aptidão física e a falta de jeito; a vivacidade psíquica e o insucesso escolar; o hedonismo e a desesperança; a arrogância e a falta de confiança. Talvez a principal alteração da adolescência seja a modificação da percepção de si mesmo (ALMEIDA,2003).

A formação de grupos é outra característica importante que ocorre na adolescência. Segundo Hockenberry (2006) a formação de grupos na adolescência serve como busca de sustentação para os adolescentes de modo individual e coletivo, formando o mundo de transição entre a independência e a autonomia. Pertencer ao grupo é importante e as atitudes dos adolescentes justificam-se para garantir a sua permanência nesse grupo.

“Mas sou uma amiga e tanto”. (Aluno 8)

“Converso com meus amigos ...A gente almoça junto às vezes.” (Aluno 10)

“...sou legal com minhas amigas.” (Aluno 11)

“Todo mundo é diferente isso porque somos iguais.” (Aluno 12)

Muito embora exista na adolescência a formação de grupos na busca de auto-afirmação de sua identidade, também faz parte desse contexto a timidez do adolescente.

“A timidez leva o adolescente a procurar refúgio na sua vida interior e a investir a sua sensibilidade em múltiplas situações míticas... O adolescente é levado pela timidez à agressividade, à insolência ou à provocação, atitudes com que procura camuflar a própria timidez.” (ALMEIDA, 2003, p. 63)

Durante as oficinas foi possível identificar essa característica de comportamento, típica dos adolescentes. Os discursos abaixo exemplificam essa situação:

“Ai sora eu não quero falar” (Aluno 7)

“OH!. sora deixa eu tomar coragem. (Aluno, 6)

“Eu sou muito tímido” (Aluno 2)

Outro aspecto importante é a construção da identidade sexual do adolescente. A mudança corporal que ocorre na puberdade faz parte da construção da identidade sexual. Freud (1973) diz que é na adolescência que se estabelece a distinção nítida entre caracteres femininos e masculinos e que esse contraste tem um papel mais decisivo do que qualquer outro na formação da vida humana.

Freud (1973) entende por puberdade o processo biológico que implica o crescimento manifesto dos órgãos sexuais externos e a maturação das gônadas. Nas meninas, a menarca e nos meninos a primeira ejaculação.

“Meu nome é... tenho 11 anos e gosto do jeito que sou. Sou legal com minhas amigas. Sou uma pessoa um pouquinho gorda, eu tenho muitas faturas para dar e vender, porém eu acho que ninguém é melhor do que ninguém. Todo mundo é igual, mas eu me acho diferente dos outros.”
(Aluno 9)

Osório (1981) enfatiza a importância da imagem corporal do adolescente quando diz que à medida que o corpo vai se transformando e adquirindo contornos definitivos do adulto, o adolescente vai plasmando a imagem corporal definitiva do seu sexo e por isso ocorre o conflito entre a imagem corporal fantasiada e a imagem corporal real. Para ele, essa é a raiz da ansiedade dos adolescentes com respeito aos seus atributos físicos e a desejada capacidade de atrair o sexo oposto. A identidade sexual está muito mais vinculada à idéia de quem acreditamos ser. Ela é formada ao longo da vida através da imagem física, de como a pessoa é tratada e se sente. (BRASIL, 2007, p. 60).

Para Louro (2006), as identidades de gênero estão sempre referidas às representações que um dado grupo faz do feminino e do masculino a partir de sua função social, do mesmo modo, as identidades sexuais também se produzem socialmente, através das distintas formas de experimentar prazeres e desejos corporais. Ambas são distintas, mas compartilham um processo semelhante de formação: todas são socialmente construídas, nenhuma é natural.

A homossexualidade transitória é um período normal da adolescência e, também, faz parte da construção da identidade sexual do ser humano. A homossexualidade do adolescente é, muitas vezes, o resultado da curiosidade e do encontro entre duas pessoas que por pertencerem ao mesmo sexo tem problemas semelhantes, sendo uma hipertrofia da relação de amizade. O tipo de relação homossexual na adolescência é, principalmente, a espiritual. (ALMEIDA, 2003)

Os participantes das oficinas de criatividade e sensibilidade, durante as discussões grupais referiram-se ao homossexualismo sem demonstrar discriminação ou preconceito. Suas opiniões foram referindo-se a pessoas próximas, amigos, vizinhos, em relação a sua escolha de sexo independente do sexo biológico próprio da construção da identidade sexual.

“Desenhei uma mulher querendo virar homem.” (Aluno 8)
“Tenho um vizinho homossexual, se veste como homem.” “Eu sei que é homossexual pelo jeito que ele anda, todo assim...” (Aluno 4)

“Homem com homem, mulher com mulher.” (Aluno 10)

Nesse contexto de lutos, conquistas, descobertas, formação de identidade social, de gênero e sexual, de mudanças corporais e opção sexual nos deparamos com uma turbulência de sensações inerentes a essa etapa da vida do ser humano. Durante as discussões, desvelamos características intrínsecas da adolescência, promovendo assim o auto-conhecimento durante as oficinas, indo além do objetivo proposto.

5.2 A sexualidade para o adolescente

5.2.1 A construção de conceitos

Os adolescentes na busca de conceituar a sexualidade salientam a função reprodutora e de perpetuação da espécie. Sexualidade aparece como fazer sexo de maneira muito presente nas falas. Nos discursos abaixo, podemos inferir aspectos da sexualidade ligados à religiosidade e aos valores cristãos, representado pelo ensinamento bíblico “crescei e multiplicai-vos”.

“Sexo ...entre duas pessoas.” (Aluno 2)

“Sem Sexo não ia ter reprodução.” (Aluno 5)

“Fazer sexo. Porque senão a gente não seria seres humanos.” (Aluno 7)

Para alguns adolescentes, sexualidade significa amor, atração, paixão, algo inerente ao ser humano.

“Sexualidade é o amor entre duas pessoas” (Aluno 4)

“Atração de duas pessoas” (Aluno 6)

Durante as discussões ressalta-se o namorar e o ficar como algo que faz parte da sexualidade, entretanto as diferenças e semelhanças entre ficar e namorar levaram os adolescentes a refletirem sobre o significado real dessas palavras. A necessidade de distinguir um do outro ocorreu devido às dúvidas e confusões de conceitos apresentadas pelos adolescentes evidenciadas nas perguntas elaboradas pelo grupo, tais como: O que é namoro? Quando se está ficando há mais de três meses, é namoro? Namorar é fazer sexo?³

³ Perguntas elaboradas pelos participantes na 3ª Oficina e colocadas no “Saco Surpresa”

Nesse contexto, entendeu-se que o ficar e o namorar são formas de relacionamento afetivo e íntimo entre duas pessoas e ambos dependem do tempo de relacionamento entre elas, da fidelidade dos atores envolvidos e da diferença de ter ou não relação sexual no relacionamento.

Então, para os adolescentes, ficar é:

“...a primeira forma de relacionamento entre duas pessoas. O ficar é por um período curto e nenhuma das pessoas envolvidas necessita ser fiel. Todos concordaram dizendo que beijos e carícias fazem parte do ficar.”
(Construção coletiva)⁴

E namorar foi definido como:

“...o segundo passo, depois do ficar para a vida a dois. No namoro há um comprometimento entre duas pessoas com a relação afetiva e íntima por um tempo prolongado, sendo a fidelidade, fundamental. E que namorar não é fazer sexo, mas sexo faz parte do namoro”. (Construção coletiva)⁵

Frente às várias reflexões que surgiram durante a oficina e decodificação das produções artísticas, conceituar sexualidade tornou-se um desafio nas percepções dos adolescentes. Nas discussões promovidas pelo momento da recodificação, nas oficinas de criatividade e sensibilidade, construiu-se o significado para o grupo que contemple seus anseios e interesses no contexto de vida de cada adolescente. Para esses adolescentes, sexualidade significa:

“Sexualidade não é só sexo com alguém, tem que ter carinho, beijo, abraço, tesão, atração e tem que ter conquista. É o amor entre duas pessoas. É o que diferencia os sexos, homem e mulher. Também é a gente escolher o sexo que a gente vai ter. É o jeito como nós nos vestimos, como escolhemos com quem vamos nos relacionar”. (Construção coletiva)⁶

5.2.2 Sexualidade e afetividade

A sexualidade infantil é originada de diversos impulsos ou instintos e zonas erógenas distintas, marcada pelo auto-erotismo para a satisfação da libido.

Na adolescência, com a maturação dos órgãos sexuais, as relações objetais dos seres humanos sofrem uma mudança significativa: a procura de um único objeto para satisfazer a zona genital. Nesse contexto, Freud, 1973, refere que a problemática central do adolescente é a luta contra a tendência de consumir o

⁴ Conceitos elaborados durante as alianças de saberes nas oficinas de criatividade e sensibilidade

⁵ Ibid 4

⁶ Ibid 4

incesto. Complementa dizendo que o meio mais simples para a criança seria escolher como objetos sexuais às mesmas pessoas que desde sua infância o amaram.

Como essas fantasias incestuosas são repudiadas e superadas acontece a mais dolorosa experiência dessa fase que é o desligamento da autoridade dos pais e a busca pelo novo objeto amoroso.

Nos discursos abaixo podemos inferir a mudança do modo de aproximação entre os pares que houve no decorrer dos anos. Os adolescentes procuram seu objeto sexual de maneiras diferenciadas. Atualmente, a primeira aproximação se dá de forma objetiva, ou por influência do avanço tecnológico, facilitando este momento:

“A gente pede para ficar. Manda mensagem pela internet, msn, pelo celular, também. (Aluno 4)

Entretanto, para os participantes torna-se importante ter sentimentos envolvidos na procura do objeto sexual e da fidelidade, pois sempre enfatizaram a importância da relação afetiva ser entre duas pessoas.

“Começa pela atração entre duas pessoas.” (Aluno 2)

“...homem paquerando ela.” (Aluno 8)

“Eu desenhei duas pessoas se conquistando e namorando.”(Aluno9)

“Eu desenhei uma boneca passando e ai um cara, um gurizinho né se atraiu por ela.” (Aluno 12)

“Ah, tem beijinho, abraço, paquera.” (Aluno 5)

5.2.3 Educação sexual

Nos dias de hoje, o diálogo nas famílias, entre pais e filhos sobre sexualidade e sexo, ainda é um tabu. As informações sobre sexualidade e sexo que os adolescentes adquirem são obtidas principalmente com os amigos, revistas, filmes, televisão, internet e poucas com professores e profissionais de saúde.

Para Almeida (2003) os pais transferem a responsabilidade da educação sexual para a Escola, e a Escola muitas vezes transfere para os pais. A igreja dá prioridade à família e secundariza a Escola. E nesse jogo de empurra a pessoa mais prejudicada é o adolescente.

Os adolescentes relataram durante as oficinas que o diálogo com os pais é inexistente demonstrando que nas suas famílias há o preconceito em relação a sexo e sexualidade. As falas abaixo exemplificam isso:

“Não me ensinaram essas coisas ainda em casa”. (Aluno11)

“A gente não conversa sobre esse assunto em casa com os pais” (Aluno 6)

Para Sato (2000) a primeira falha em relação à educação sexual se dá no seio das famílias, estruturadas ou não e de qualquer nível socioeconômico, pois nelas permanece a idéia de pais e filhos assexuados.

Para Hockenberry (2006) a educação da sexualidade deve discutir a relação sexual, os métodos alternativos de satisfação sexual e como resistir à pressão dos colegas. Não se pode falar de sexo e sexualidade sem discussões sobre a tomada de decisão amadurecida, responsabilidade sexual e esclarecimento de valores.

Portanto, concordo com Almeida (2003) quando diz que pais são pela ordem natural os primeiros educadores, sendo alicerce da educação dos filhos. Mas que eles não são seres completos e que é irreal uma atmosfera perfeita de felicidade familiar. Neste contexto, a escola e o Estado devem caminhar juntos na busca de uma educação que contemple esta temática nos ambientes escolares.

5.3 O ato sexual

5.3.1 A hora certa?

Durante as oficinas de criatividade e sensibilidade, os adolescentes apresentaram dúvidas e interesses sobre a relação sexual.

Os participantes manifestaram curiosidade sobre aspectos relacionados à idade certa para iniciação sexual, a idade que a mulher está com maturidade fértil, ao comportamento e atitude de homens e mulheres na primeira relação sexual e sobre autonomia da decisão de ter a relação sexual. Essas curiosidades podem ser inferidas das perguntas e discursos apresentados: Se a menina não menstruar até os 13 anos de idade ela pode ter relação sexual? Que idade a mulher começa a gerar? Como a pessoa age na primeira vez?⁷

“Se é menor de idade pega autorização com os pais.” (Aluno 12)

Segundo Brandão (2006), para as gerações jovens atuais a conquista da independência coloca-se cada vez mais tardia, o que não impede que a autonomia

⁷ Ibid 4

da sexualidade seja uma aspiração cada vez mais precoce. Para a autora esse paradoxo forja a construção social da adolescência na contemporaneidade, tornando as relações entre gerações mais complexas.

Isso significa que o processo de construção da identidade adulta, na adolescência, atualmente, implica na iniciação sexual dos jovens. Através dos diálogos oportunizados nas oficinas, infere-se que os adolescentes estão preocupados e carentes de ajuda para responder as suas dúvidas e aliviar suas angústias. Assim, demonstram não ter entendimento necessário para ter relação sexual com um parceiro. Segundo Cano (2000) quando um jovem está desestruturado as relações sexuais costumam trazer muito mais angústias do que prazer.

5.3.2 As formas de sexo

Segundo Hockenberry (2006) ao mesmo tempo o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários e a sensibilidade aumentada dos órgãos genitais produzem pensamentos e fantasias a respeito das relações sexuais.

Eles necessitam saber mais que a mecânica da concepção, da gestação e do nascimento. As meninas têm curiosidade às questões como: se vai doer? O que acontece na hora? E os meninos têm mais preocupação como tamanho do pênis e se a masturbação é comum nessa fase. (HOCKENBERRY, 2006).

No decorrer das oficinas de criatividade e sensibilidade, os adolescentes apresentaram curiosidade sobre as formas de fazer sexo. O que é sexo oral? A gente engravida fazendo sexo anal? A gosma do homem pode engravidar?⁸

Para Freud (1973) essas questões têm raiz no objetivo sexual que no homem é a descarga dos produtos sexuais, ou conforme o caso, provoca a formação de um novo organismo vivo. Assim, um aparelho altamente complexo se preparou e está pronto para entrar em funcionamento.

⁸ Ibid 4

Cabe a nós enfermeiros refletir juntamente com os adolescentes sobre a importância e a naturalidade de descobrir o seu corpo, desmistificando o ato da masturbação.

5.3.3 A prevenção

Segundo Almeida (2003) a revolução sexual provocou na população adolescente duas alterações: a redução da idade em que os jovens iniciam as relações sexuais e a promiscuidade.

Essas alterações de comportamento acarretam nas seguintes conseqüências para os adolescentes: aumento do número de gravidez, abortos e doenças sexualmente transmissíveis.

Os adolescentes de ambos os sexos têm direito, ao sigilo sobre sua atividade sexual, ao acesso e a disponibilidade gratuita dos métodos contraceptivos. A consciência desse direito implica em reconhecer a individualidade do adolescente, estimulando a responsabilidade com sua própria saúde (BRASIL, 2007).

Tornar os jovens responsáveis pela sua saúde é uma forma de estimular a independência e a autonomia para que caminhem lado a lado na construção da identidade do jovem.

Nas questões apresentadas pelos participantes, nos deparamos com as preocupações dos adolescentes em relação à prevenção de DSTs e gravidez na adolescência. Como é a camisinha de mulher? Como se pega doença através do beijo? Se o homem e a mulher usarem camisinha, é mais seguro? Como se usa camisinha feminina? A doença pega mais no homem ou na mulher? Como se pega doença através do sexo? Pode ficar grávida na primeira vez?

Almeida (2003) diz que muitos jovens acham menos embaraçoso ter relações sexuais do que se prepararem com contraceptivos para o ato sexual.

De acordo com dados mais recentes sobre gravidez na adolescência a taxa de adolescentes grávidas entre 15 e 19 anos vem diminuindo e essa mudança pode ser atribuída à prevenção de Aids que aumentou uso de preservativos no país. (BRASIL, 2007)

É relevante destacar que a gravidez na adolescência ou ocorrência de DSTs, ainda pode ser fruto da falta de informação sobre saúde reprodutiva e métodos contraceptivos. Por sua vez a gravidez reflete-se na busca da autonomia e

independência do adolescente para conquistar seu espaço no mundo adulto. Ressalta-se ainda que a timidez do adolescente e falta de intimidade com o parceiro para negociar o uso de preservativo pode interferir na tomada de decisão pelo uso do preservativo.

6 RESULTADOS

Ao refletir sobre os resultados, reitera-se o compromisso da Enfermagem com a Saúde do Escolar e do Adolescente, constatando que a sensação de inquietude que conduziu este estudo ainda permanece num movimento contínuo, levando a novos questionamentos uma vez que esses temas inesgotáveis e inacabados estão em permanente discussão, reflexão e construção.

Esta pesquisa buscou conhecer as percepções dos adolescentes sobre o desenvolvimento da sua sexualidade, visando contribuir para o crescimento dos saberes que estruturam o ensino da educação em saúde voltado para esses sujeitos.

Criar um espaço vivo, interativo e acolhedor na escola, que tem papel fundamental na educação do adolescente, propiciou o desenvolvimento desse aprendizado através da decodificação de significados e da aliança de saberes. Constitui-se muito mais que uma fase do MCS, pois propiciou aos participantes a reflexão e o autoconhecimento de sentimentos e sensações imergindo em seu próprio ser para trocas de experiências e construção de novas atitudes.

Nesse descortinar de possibilidades os adolescentes revelaram que seus interesses em relação à sexualidade estão tanto ligados à afetividade e a busca de um parceiro, ou seja, a procura do objeto sexual quanto à prevenção de DSTs ou de gravidez na adolescência. Além disso, durante as oficinas, os participantes referiram os conflitos que estão vivenciando nessa fase, um momento de transição marcado pelas conquistas que acontecem na adolescência.

O tema *O ser adolescente: vivenciando conflitos e dificuldades* desvelou aspectos importantes para os adolescente no processo de construção da identidade adulta. O primeiro deles foi à autocrítica dos adolescentes, no qual, se vêem como pessoas com defeitos. Uma explicação para isso pode ser o preconceito dos adultos que muitas vezes rotulam os adolescentes como “aborrescentes” atribuindo a eles incapacidade de pensar, de cuidar de si mesmos, de criar e atuar como sujeitos construtores.

É importante destacar a fascinação pela conquista de liberdade e autonomia nessa fase de transição. Embora alguns adolescentes referiram que são crianças esta fase é marcada pelo adolescente não querer mais ser tratado como tal,

querendo ter a independência de um adulto. Há na verdade, uma crise de identidade no adolescente, ou seja, ele quer mostrar que já não é uma criança, ultrapassando os limites impostos pelos adultos.

Outro aspecto importante que esteve presente nos diálogos dos adolescentes foi à formação de grupos que servem como busca de auto-afirmação dos adolescentes de modo individual e coletivo onde foi enfatizada a importância da amizade sincera e verdadeira.

Nesse contexto, das discussões grupais, outro ponto enfatizado pelos adolescentes foi à timidez. É importante destacar aqui que essa característica foi colocada pelos adolescentes quando eles terminaram sua produção artística e deveriam expor suas concepções para o grupo, na etapa de decodificação. A timidez oportuniza momentos de introspecção e procurar refúgio na sua vida interior acaba proporcionando o autoconhecimento e a consciência crítica de suas atitudes.

Os adolescentes manifestaram preocupação com sua imagem corporal. A construção da identidade sexual e a mudança corporal que ocorre no início da puberdade fazem com que se estabeleça a distinção entre femininos e masculinos e esses contrastes têm um papel muito decisivo na formação da vida humana.

O homossexualismo foi abordado pelos adolescentes de forma natural demonstrando compreensão e respeito pela opção sexual do ser humano. Os participantes enfatizaram que a aparência física, os traços e o modo de se vestir revelam a escolha do sexo, independente do sexo biológico próprio da construção da identidade sexual.

No tema *A sexualidade para o adolescente* percebeu-se que os jovens de hoje têm facilidade de acesso à informação e ao conhecimento através de diferentes fontes como: internet, livros, revistas. Mas são indispensáveis o diálogo e a discussão com pessoas capacitadas e disponíveis para esclarecer os adolescentes e ajudá-los no entendimento de sua sexualidade. Por isso fez-se necessária a construção de alguns conceitos como ficar, namorar e sexualidade durante as alianças de saberes nas oficinas de criatividade e sensibilidade.

Para viver sua sexualidade de forma plena, os jovens apontaram a confiança no parceiro e segurança nas atitudes relativas aos relacionamentos e na relação sexual. Nesse contexto, surge a preocupação de estar preparada para o ato sexual e de ter informações, conhecimento e entendimento sobre sexo e sexualidade prevenindo assim possíveis arrependimentos.

Na busca do objeto sexual, os adolescentes consideram que se deve ter amor, carinho, intimidade, respeito, entusiasmo e paixão sincera entre duas pessoas. Desse discurso podemos inferir a importância da fidelidade nas relações afetivas, já que, em nenhum momento se referiu mais de duas pessoas na relação amorosa e sexual.

A educação sexual deve envolver vários aspectos da evolução psíquica do adolescente. Torna-se relevante que o profissional ou a pessoa que irá abordar esta temática tenha ciência dos processos evolutivos e conflitivos que envolvem a adolescência, bem como, seja desprovido de preconceitos e pré-julgamentos, atuando como mediador nas discussões sobre a sexualidade, construindo, em parceria com os adolescentes, alternativas e formação de opiniões coerentes com a realidade de cada adolescente. É importante ressaltar que a educação sexual deve ser feita em conjunto com a família e a rede de saúde, onde um deve completar o trabalho do outro.

O tema *O ato sexual* apontou que para os adolescentes pensar nas conseqüências de seus atos, usar preservativos na prevenção de doenças e da gravidez e estar saudável para construir uma vida afetiva refletem-se no seu cotidiano. Também se pôde evidenciar, no debate grupal, que os adolescentes têm inúmeras dúvidas sobre o seu agir enquanto sujeito dos relacionamentos e a hora certa de ter a primeira relação sexual. Muitas vezes o adolescente sente-se tímido e a falta de intimidade com o parceiro para negociar o uso de preservativo pode interferir na tomada de decisão pelo uso de camisinha.

Nesse contexto, foi constatado que a questão da masturbação não fez parte da discussão grupal. A masturbação é um ato sexual comum nessa fase do desenvolvimento humano e proporciona autoconhecimento corporal e autoprazer. Provavelmente tal questão não surgiu durante as discussões por questões de timidez ou pelo fato de que os adolescentes estão iniciando a vida sexual de precocemente.

O Método Criativo e Sensível permitiu mergulhar no mundo dos adolescentes, conhecendo suas percepções e concepções acerca da sua sexualidade. Compartilhar as expressões, a construção e a reconstrução havidas por meio das produções artísticas e dos diálogos, desvelou o que permaneceu oculto por muito tempo. Os adolescentes referiram que foi a primeira vez que eles tiveram oportunidade de ser escutados e que as oficinas foram conduzidas de forma que

eles se sentiram à vontade para falar. Muitos relataram que haviam participado de palestras no posto de saúde e que foi monótono, que os palestrantes falavam o tempo todo sem propiciar momentos para que eles colocassem suas dúvidas.

Nesse sentido, contribui-se com o processo de adesão as práticas de comportamento preventivo na saúde do escolar o que favorece a emancipação do sujeito e promove o autocuidado. E não esquecendo, que o mais importante é a construção da consciência crítica com estratégias que levem os participantes das oficinas a pensar e ter o entendimento sobre sua etapa do desenvolvimento humano e suas implicações sociais.

Portanto, considera-se importante destacar que os entendimentos que surgiram no âmbito dos debates e alianças de saberes nas oficinas poderão contribuir para o estabelecimento de um novo ambiente no contexto da saúde do escolar e do adolescente, que propicie o diálogo para promover e facilitar o crescimento e o aprofundamento da temática em linguagem acessível ao público e falando dos reais interesses dos adolescentes em relação a sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Abordagens a psicanálise de crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 200p.

ALMEIDA, José Miquel Ramos de. **Adolescência e maternidade**. 2ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, 363p.

ATLAS socioeconômico do Rio Grande do Sul. **Partos por cesárea e gravidez na adolescência**. Rio Grande do Sul: Secretaria da Coordenação e Planejamento, 2007. Disponível em <http://www.scp.rs.gov.br/ATLAS/atlas.asp?menu=316>. Acesso em 27/05/2007 às 15:20.

BRANDÃO, Eliane Reis. HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, vol.22, n:7, jul,2006

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas**: guia para formação de profissionais. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília. Ministério da Saúde. 2006. 160p. (Série Normas e Manuais Técnicos).

CABRAL, Ivone Evangelista. **Aliança de saberes no cuidado e estimulação da criança bebê**. Rio de Janeiro: Editora da Escola de Enfermagem Ana Nery, 1999, 300p.

_____. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa em enfermagem. In: GAUTHIER, Jacques Henri Maurice. **Pesquisa em enfermagem**: novas metodologias aplicadas. 1ªed. Rio de Janeiro: GuanabaraKoogan, 1998. 302p. Cap. 8, 177-203p.

CANO; Maria Aparecida Tedeschi. FERRIAN, Maria das Graças Carvalho. GOMES, Romeu Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latinoamericana de enfermagem**. Ribeirão Preto, v.8, n:2, p:18-24, mar-abril, 2000.

CARIDADE, Amparo. O adolescente e a sexualidade. IN: SCHOR, Nélia. MOTA, Maria do Socorro Tabora. e CASTELO BRANCO, Viviane (Orgs). **Cadernos juventude saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. V.1, 303p. p. 206-212

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Centauro, 1980. 102 p.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 158.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1973. V. 7, p. 123-252.

HOCKENBERRY, Marilyn. **Wong, fundamentos de enfermagem pediátrica**. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. p.1303.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar Estermann; DALLA ZEN, Maria Isabel; XAVIER, Maria Luisa M. de Freitas (Orgs.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação,1998. 175p. Cap. 7, 97-109.

MAHEIRIE, Kátia. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. IN: **Psicologia em estudo**, Maringá, v.10, n.3, p.537-542, set./dez 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 406p.

OLIVEIRA, Dora Lúcia. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: MEYER, Dagmar Estermann; DALLA ZEN, Maria Isabel; XAVIER, Maria Luisa M. de Freitas (Orgs.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação,1998. 175p. Cap. 7, 97-109.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Evolução psíquica da criança e do adolescente**. 2.ed. Porto Alegre: Movimento, 1981. 114p.

RAMOS, Flavia Regina Souza. ROCHA, Claudia Regina Menezes. PEREIRA, Silvana Maria. Viver e adolecer com qualidade. In:_____. (Org.). **Adolescer**: compreender, atuar, acolher. 1 ed. Brasília: ABEn, 2001, v. 1, Cap. 1, p. 19-32.

SATO, Maria Ignez. LEAL, Marta Miranda. **Educação sexual na escola**. São Paulo: Instituto da Criança do H C e Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. (USP), 2000. Disponível em < www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/html/451/body/07.htm.> Acesso em:18/12/2006

SEIXAS, Ana Helena. Abuso sexual na adolescência. IN: SCHOR, Nélia. MOTA, Maria do Socorro Tabora. e CASTELO BRANCO, Viviane (Orgs.). **Cadernos juventude saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde,1999. V.1, 303p. p.117-135.

SILVEIRA, N. **A propriedade intelectual e as novas leis autorais**. 2ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

World Health Organization (OMS). **Glossary**. Genebra: World Health Organization, 2002. Disponível em . Acesso em: 14/05/2007

_____ **Adolescent Health and Development**. Genebra: World Health Organization, 2002. Disponível em . Acesso em: 14/05/2007.

ZAGURY, Tânia. **Os direitos dos pais**: construindo cidadãos em tempos de crise. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 206p.

APÊNDICE A – Ficha de registro de observação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE ENFERMAGEM

Oficina número:

Data:

Local:

Horário de início:

Horário de término

Número de participantes presentes:

Atividades:

Primeira etapa - Acolhimento, leitura das regras de convivência e desenvolvimento da produção artística

Segunda etapa – socialização da produção artística e discussão grupal

Terceira etapa – Síntese das reflexões e da discussão grupal – Subtemas emergidos

Impressões da mediadora

APÊNDICE B– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Kelly Ribeiro de Freitas, sou acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada: “Sexualidade: conhecendo as percepções dos adolescentes”, para obtenção do título de Enfermeira, sob orientação da Profª Ms Silvana Maria Zarth Dias.

Com esta pesquisa pretendo conhecer os questionamentos do adolescente sobre o desenvolvimento da sua sexualidade. Acredito que os entendimentos dos conceitos emitidos pelos adolescentes sobre sexualidade, ajudarão no planejamento das atividades de promoção da saúde, qualidade de vida, planejamento familiar, prevenção de doenças e construção de novas atitudes através do desenvolvimento do pensamento crítico oportunizado nas oficinas. Para isto, gostaria de realizar atividades lúdicas (oficinas) com seus filhos, por meio de desenhos, material ilustrativo, livros didáticos e científicos, diálogos, debates, jogos e brincadeiras, relacionados ao assunto apresentado anteriormente. As oficinas serão gravadas em fita cassete, que serão guardadas durante 5 anos conforme recomendado pela lei do direito autoral 9610/19 de fevereiro de 1998 (SILVEIRA, 1998).

As atividades não causarão nenhum comprometimento físico ou emocional aos adolescentes. A recusa em falar ou participar das brincadeiras ou discussões será respeitado pela pesquisadora e em caso de desistência de participação poderá fazê-lo em qualquer momento sem prejuízo pessoal. O adolescente não será identificado em nenhum momento e as informações serão utilizadas para fins científicos.

Ao término da pesquisa, os dados serão publicados ou apresentados em eventos científicos, entretanto sem revelar sua identidade e de seu filho, ou de qualquer pessoa pesquisada. Não há nenhum custo para você participar da pesquisa.

Portanto, através da assinatura deste termo, Eu _____ responsável por _____ concordo na participação deste estudo. Autorizo, também, a utilização das informações obtidas nas oficinas para fins acadêmicos da pesquisa.

Agradeço a colaboração, coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários, pelo telefone (51) 84224147 ou e-mail kelly.ufrgs@gmail.com

Obrigada

Silvana Maria Zarth Dias

Kelly Ribeiro de Freitas

Data: ____/____/____

ANEXO A

ANEXO B

ANEXO C

ANEXO D